

REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
GOVERNO CIVIL DO PORTO

I CONGRESSO INTERNACIONAL DO BARROCO

Actas

I VOLUME



PORTO · 1991

FESTA BARROCA: AS CELEBRAÇÕES DO COLÉGIO DAS ARTES NA ACLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV

JOÃO FRANCISCO MARQUES
Universidade do Porto

O Colégio das Artes integrado na Universidade de Coimbra, para habilitação vestibular ao ingresso nas suas Faculdades de Teologia, Cânones, Leis ou Medicina, estava voltado para o ensino das humanidades e seguia a *ratio studiorum* da Companhia de Jesus, a quem continuava entregue, quando surgiu em Portugal o movimento restauracionista¹.

As festas, pois, que promoveu para celebrar o evento da Aclamação de D. João IV reflectem, sem surpresa, o espírito barroco, por assimilado e incrementado pelos jesuítas, e as orientações pedagógicas ministradas

¹ Foi em 1547 que os jesuítas, trazidos a Portugal pela mão de D. João III, lançaram a primeira pedra do célebre Colégio das Artes. Fundado a 2 de Julho de 1542, serviram-se de início os padres da Companhia de uma casa alugada, que depois compraram, para exercerem a sua missão educadora. Dispunha o Colégio de Coimbra de 11 cadeiras públicas destinadas ao ensino da gramática, latinidade, humanidades e retórica; de grego e latim; quatro de filosofia, onde se ensinavam as ciências naturais, e uma de matemática, englobando, para os estudantes jesuítas, mais duas de teologia moral, três de especulativa e uma de Sagrada Escritura. O livro das *Constituições*, em que Santo Inácio de Loyola compendiou as leis para reger a Companhia de Jesus, dividia-se em 10 partes, de que a 4.^a, a mais pormenorizada e extensa, continha a doutrina básica que pautou a organização dos colégios e originou o célebre *Ratio Studiorum*, verdadeiro directório pedagógico da educação e ensino jesuíticos. O de 1599, na mira, escreve Francisco Rodrigues, de unificação orientadora da formação dos jovens, «forma o curso de letras com a gramática, humanidades e rhetorica e com o estudo directo das duas linguas clássicas latina e grega». Com o ensino das *humanidades* pretendia-se dentro do plano de estudos geral, preparar o campo à eloquência pela exposição breve dos preceitos e da rhetorica e pelo conhecimento da língua procurando que os alunos lhe penetrassem a propriedade dos termos e possuíssem a riqueza do vocabulário». De sublinhar que o latim «era, no *Ratio*

aos seus escolares². Tudo isso, porém, largamente pretextado e estimulado pela euforia colectiva que então se apoderou do país³. Aliás, todas as instituições académicas sob a alçada da Companhia de Jesus se movimentaram com o mesmo intuito, desde Braga a Lisboa, de Évora a Coimbra⁴. Possuidoras estas últimas cidades de estudos de graduação universitária, numerosíssimos eram os académicos com residência intramuros, que possibilitavam uma adesão alargada da juventude e uma dinamização mais intensa da comunidade⁵. No caso da Lusa Atenas, houve, nesse sentido, duas iniciativas paralelas: a promovida pela própria Universidade e a outra da iniciativa da cidade sob a égide do Bispo Conde⁶.

Studiorum, em torno do qual se movia o curso litterario». Cf. RODRIGUES, Francisco — *A Formação Intelectual do Jesuíta*, Porto, Livraria Magalhães e Moniz Editora, 1917, pp. 4-6, 42, 156. Por carta régia de 5 de Setembro de 1561, no reinado de D. Sebastião, o Colégio de Jesus dos Padres da Companhia com o Colégio das Artes foram incorporados na Universidade. Cf. VASCONCELOS, António — *Os Colégios Universitários de Coimbra*, in «Escritos Vários», vol. I, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1987, p. 190.

² As festas académicas, como meio eficaz para insuflar o amor à religião, à pátria e às letras, ver RODRIGUES, Francisco — *ob. cit.*, pp. 23-26.

³ Ver ALMEIDA, Gregório de — *Restauração de Portugal Prodigiosa*, edição de Damião Peres, Barcelos, Companhia Editora do Minho, 1939, parte II, cap. VI, vol. III, pp. 112-123. Citaremos sempre esta edição publicada em 4 volumes, mas que não contém a parte 3.^a da original.

⁴ Cf. RODRIGUES, Francisco — *História da Companhia de Jesus na Assistência a Portugal*, Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1944, t. II, vol. I, pp. 354-366.

⁵ Sabe-se que no último decénio do século XVI frequentavam o colégio jesuítico de Santo Antão, em Lisboa, mais de 2500 alunos; o de Coimbra 2000; o de Évora 1200 e o de Braga quase outros tantos. Manter-se-iam assim mais ou menos estas percentagens nos anos que se seguiram, embora um memorial dos jesuítas relativo a 1635 e enviado ao Conde-Duque de Olivares, para justificar a necessidade de um acréscimo de escolas, pois era então insuficiente o número de homens doutos, mantivesse que os estudantes em Portugal, englobando os da Universidade de Coimbra, não excediam a meia dúzia de milhar. Cf. RODRIGUES, Francisco — *História da Companhia de Jesus na Assistência a Portugal*, t. III, vol. I, p. 113. Por serem muitíssimos, porém, os estudantes de Santo Antão, em cujo edifício hoje funciona o Hospital de S. José, o povo chamava-lhes «estorninhos» ao vê-los pela cidade, envergando, como os de Coimbra, o traje de preto, com chapéu e casaca ou à romana, de cabeleira ou sem ela, mas sempre de negro. Cf. RODRIGUES, Francisco — *A Formação Intelectual do Jesuíta*, pp. 170-171. Sobre os cursos que eram ministrados nos colégios de Santo Antão, Évora e Braga, ver: Id., *ibidem*, pp. 172-173.

⁶ Ver: *Applausos da Vniuersidade a el rey n.s. D. João o III [= Applausos academicos Invictissimo regi Lusitaniae Joanni IV. Academia Conimbricensis libellum dicat in felicissima sua aclamatione jussu Emmanuelis de Saldanha a consilijs regiae majestatis et ejusdem academiae rectoris]*, Coimbra, Didacus Gomez de Lourenço, Coimbra, 1641; *Sermam Encomeastico, E Demonstrativo da indubitauel justiça cõ q̃ o serenís. Rey D. Joam o IV. foy acclamado neste reyno, pregado pello P. M. Fr. Luis de Saa Cathedratico de Theologia*

A primeira foi já objecto de um pormenorizado estudo do historiador lusófilo José van den Basselaar que ressaltou os aspectos peculiares de que se revestiu o acontecimento vivido e celebrado pela academia universitária⁷. A segunda consta dos anais da edilidade⁸. Será agora,

*da Vniuersidade de Coimbra, & Religioso do D. melifluo da Igreja S. Bernardo, na acção de graças q̃ a Camara da mesma Cidade veo dar no real Mosteiro de S. Crus por esta merce do ceo, em o 3. Domingo do Aduento 16. dias de Dêzembro do felicissimo an. de 1640. [...], Coimbra, Lourenço Crasbeeck, 1641: Dedicatória; CARVALHO, J.M. Teixeira de — *Bric-à-Brac*, Porto, Livraria Fernando Machado, 1926, pp. 370-374: «Como a Universidade recebeu a nova da Restauração de Portugal» e pp. 379-384, «Coimbra em 1640».*

⁷ Cf. *Uma homenagem académica a Dom João o IV*, in «Revista da Faculdade de Letras de Lisboa», 1976-1977, IV série, n.º 1, pp. 59-92.

⁸ Ver: SÁ, Fr. Luís de — *ob. cit.*: Dedicatória. Ao oferecer o sermão a D. João IV, escreve o autor: «Dando publicos viuas pellas praças & ruas deste pouo [a cidade de Coimbra onde acabara de chegar a nova oficial da aclamação de D. João IV firmada na carta dos dois governadores do reino, os arcebispos de Lisboa e Braga], toda a nobreza delle, appellidando o *Real*, *Real* por V. Mg. ardendo todas as noytes em fogos e luminarias, & os dias todos ora a cauallo, acompanhando o estendarte real publicamente, toda a nobreza, ora mãdando na praça fazer comedias publicas em cadafalços por castelhanos, pera alegrar mais o pouo, em ver q̃ ate elles nos ajudaõ a festejar o vermonos libertados. A cuja imitação nossa, não ouue pouo nenhũ circunuisinho, q̃ com bandeira a caualo não viesse a esta Cidade, querer lisongealla nas demonstraçoens alegres q̃ por V.R. Mag. està inda hoje fazendo, com tão excesso de amor, & lealdade, que chegou a escrever Coimbra, a villas muito nottauês tomassem logo a voz de V.R. Mag. dispondosse a com armas as obrigar quãdo ellas se descudassem. E porq̃ do Ceo nos veo esta redensaõ segunda nossa, com publica procisaõ em rendimento de graças, nos fomos a S. Crus, onde està o Mauseolo do nosso primeiro Rey D. Affonso Henriques, progenitor desimo sexto de V.R. Mag. porq̃ no proprio dia em que nós nesta terra lhe estauamos celebrando as memorias saudosas de suas sagradas cinsas, as teue elle tão viuas de nos todos, q̃ ordenou renassesse V.R. Mg. como raro Phoenix dellas com tantos synais, & circunstanças, que promettem perpetuidade a este imperio, que fora crime não as fazer patentes a V.R. Mg. Coubeme S. a mim, a sorte de ser o primeiro pregador, q̃ esta Cidade escolheo para esta acção: & se não tiue a ventura della ser feyta aos olhos de V.R.Mag. consolome com q̃ foy de frente dos delRey D. Aff. Henriques, sobre cuja sepultura por muytas vezes com lagrimas os meus, compraraõ a glória q̃ oje temos, de ver a V.R.Mag. restituído neste seu reyno». Ver também: CARVALHO, J.M. Teixeira de — *op. cit.*, pp. 48-51. Há uma contradição entre o que declara Fr. Luís de Sá e o que se escreve na «Breve Relação» das *Demõstraçoens* do Colégio das Artes que, a ff. 3 v-4, reza assim: «Aos 14 [de Dezembro] fez o Bispo Conde a sua procissão solene ao Convento e Igreja de St^a. Cruz e encomendou o sermão ao P^o. Gaspar Correa, pregador antigo e conhecido. E este foi o primeiro sermão que na cidade se fez só a este, intento; cujo successo foi qual se podia desejar. E foi de muita estima por estar presente o melhor e o maes lustroso da cidade e Universidade e se ouviram os vivas de huns e outros multiplicados por muitas vezes com grande gosto e satisfação de todos.» Cf. MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II, p. 535. A discrepância pode, no entanto, esbater-se se considerarmos a celebração do dia 14 divi-

porém, a do Colégio da Artes, aliás, já referida por nós em trabalho recentemente publicado, a merecer uma justificada e detida análise⁹.

A fonte, de que nos socorremos, descobrimo-la no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, onde permanecia inédita, por haver escapado à investigação exaustiva do benemérito historiador da Companhia de Jesus, P.^o Francisco Rodrigues, que, por não chegar a conhecê-la, nunca a mencionou nos seus trabalhos, quando tratou do evento aclamatório¹⁰. O original, cujo o compilador foi o P.^o Gaspar de Gouveia, encontrava-se,

dida, como era normal, em duas partes: a primeira constituída por uma missa solene que teria lugar de manhã, na igreja de St.^a. Cruz e onde pregou Fr. Luís de Sá, e a segunda pela procissão de tarde, a finalizar no mesmo templo, em que teve lugar o sermão do jesuíta P.^o Gaspar Correia. A sugestão apontada dependeria ainda da circunstância de a data não ser 14, mas, de facto, 16 de Dezembro, domingo, devendo-se o erro a lapso do copista, como parece. Ver *supra* nota 6.

⁹ Cfr. MARQUES, João Francisco — *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, Porto, Instituto Nacional de Investigação Científica/Centro de História da Universidade do Porto, vol. II, pp. 533-536.

¹⁰ DEMÓSTRAÇOENS / que fez o Collegio da Compa=nhia de JESV / E das Artes da cidade e Universidade de Coim=bra pela feliz aclamação do / Muy Alto e muy poderoso Rey e Senhor nosso na=tural D. João o 4.^o. de Portugal. Ver este frontispício do ms., fac-símile da 1.^a. página, in MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II: Apêndice/Estampas 5.2.16. Trata-se do ms. da Livraria 2147 do A.N.T.Tombo, encadernado em pergaminho, de 124 ff., in 4.^o. Contém: *Dedicatória* a D. João IV; *Breve Relação* das festas; 3 *sermões* respectivamente dos jesuítas Gaspar Correia, Francisco Gomes e Bartolomeu Pereira, textos em português que formariam um 1.^o. tratado; *poemas latinos*, como epigramas e odes ao rei João IV e a Filipe IV em que se fala do «milagre do crucifixo» no dia da aclamação; um *Elogium* dos reis de Portugal; uma *Lectio panegyrica*, «Pro fausta Serenissimi Joannis Lusitaniae regis acclamatione» do professor de humanidades do Colégio, o P.^o José de Figueiredo, e uma «Oratio pro felici inauguratione et pro damatione Sacrae Regiae, ac Caesareae Maiestatis Joanis hoc nomine, 4.^o. olim Brigantiae Ducis incltyti, Nunc, coelo authore, Portugalliae Regis Potentissimi Inuictissimi» da autoria do mestre teólogo P.^o Francisco Soares; e ainda os *Poemata Appensa* no salão de estudos, feitos pelos colegiais, e a descrição do «plausus», encómio laudatório, que o reitor, P.^o António de Sousa, pronunciou, na altura do desceramento da efígie do Monarca na aula de Matemática, após ordenar essa exposição. É antecedida esta menção da seguinte nota explicativa: «Quando se soube da aclamação, em Coimbra, gerou-se a vontade de se entronizar o retrato de D. João IV na sala grande que era utilizada para muitos fins onde os jesuítas ensinam e aprendem a ciência matemática. Foi já tarde, de sorte que foi preciso acompanhá-lo de luzes e lumes àquela hora com grande gosto da comunidade. No dia seguinte ornou-se a tela com muitas flores e recitaram-se várias poesias que não foram compiladas neste volume para não o tornar demasiado grande e molesta a leitura. Por este mesmo motivo se não incluiu um discurso feito na altura de improvisado para festejar a colocação daquela pintura do Rei que Deus fora servido trazer àquele lugar e casa por tantos títulos sua».

pronto para a impressão e à espera talvez de um mecenas ou livreiro que quisesse desembolsar as despesas, como sucedeu com o relativo à instituição universitária¹¹.

O título denuncia o hábito corrente do barroco de dar publicidade aos actos comemorativos de relevo, em meticolosa descrição narrativa, sob a epígrafe de *Demonstrações*. Trata-se por conseguinte, como reza o texto, de *Demonstrações que fez o Colégio da Companhia de Jesus e das Artes da Universidade de Coimbra pela feliz aclamação do mui alto e mui poderoso rei e Senhor nosso natural D. João, o 4.º de Portugal*. Centrados, pois, os actos de público regozijo no monarca restaurador, foi-lhe também dedicada a obra em causa que estampa logo em seu início ser ela um filial tributo do organizador¹². Nenhuns laivos de preconcebido interesse,

¹¹ O P^o. Gaspar de Gouveia, compilador do volume, exerceu o cargo de prefeito de estudos e era o assistente de Portugal junto da cúria generalícia dos jesuítas em Roma, em 1669, tendo-se deslocado duas milhas fora da cidade eterna para com outros confrades receber o P^o. António Vieira quando, após o processo da Inquisição, este se deslocou à Itália para, junto do Papa, tentar que fosse revisto e examinado o seu processo. No dia imediato ao da chegada da notícia da aclamação a Coimbra, a 6 de Dezembro, na solene procissão de regozijo, que de contínuo a Universidade organizou, o P^o. Gaspar de Gouveia subiu ao púlpito da Sé para proferir um sermão de acção de graças, «com grande sucesso e aplauso dos ouvintes». No final do ms. 2147, atrás citado, lê-se: «Este Cartapasio me mandou fazer o Pe. António de Sousa Reitor deste Collegio, E logo provincial, sendo Eu Prefeito de hestudos do Collegio de Coimbra, E eu ajuntei E mandei trasladar as obras que nelle estam. E alguns annos depois dellas Emendar nada me pareceu por aqui esta memoria Em 6 de Fev^o 1647. Gaspar de Gouvea». Que esta colectânea, compendiando as «Demonstrações» do Colégio das Artes, devia, para fielmente espelhar a celebração festiva da Aclamação levada a efeito entre os seus muros, ser dividida em três partes e destinar à publicação, se depreende do que em dada altura do volume se diz sem dúvida da lavra do compilador: «No fim deste 2^o. tratado das letras humanas se nos oferecia larga materia para outro 3^o. das Teologias e Filosofias porque sobre estas duas sciencias se fizerao varias conclusoes em as aulas publicas deste Collegio e quase todos os problemas que se disputarão tiuerão o mesmo argumento que as poesias. Procurando a Companhia, e muito em particular este Collegio de Coimbra per todos os meyoos possiveis arreigar nos animos da gente amor, e propensão as cousas do Reino disputando da justiça que sua Magestade nelle tinha. aos dotes com que Deus pera esta função o dotou: dos grandes proueitos que deste successo risultauão. Não tratamos contudo de ajuntar aqui o terceiro tratado, por que as conclusões todas andao estampadas notras impressões. O mesmo fizeram a estes dous tratados, se posses fossem iguaes a vontade que temos de eternizar, e promulgar tudo o que pertence a reputação, e maior seruiço de Sua Magestade. Que Deus nos guarde». A expressão final reflecte bem as apreensões que se experimentavam sobre o futuro do golpe restauracionista. Estamos a preparar a edição completa deste códice, já em parte publicado no nosso citado trabalho, *A Parenética Portuguesa e a Restauração*, 2 vols.

¹² Cf. *Dedicatória*, in MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II, p. 533.

de resto, escondia tal gesto, apressa-se o ofertante a declará-lo. Na verdade, como membro da Companhia de Jesus, nada para ela pretende do soberano, mas tão-só «dar mostras de agradecida» do muito que do ânimo do monarca tem recebido¹³. Ânimo esse que herdou dos reis seus antecessores, porque de rei natural se tratava, e era seguro propósito de que as suas acções futuras se encaminhariam para amparo, dilatação e aumento da Religião¹⁴. O inciso, se pertinente, soava, por certo, rotineiro, em particular numa época em que persistiam os grandes combates em defesa da fé católica ameaçada, no interior, pela presença insidiosa do judaísmo e, no exterior, pelo perigo crescente do protestantismo e do avanço turco sobre a cristandade ocidental¹⁵. De resto, este colégio, frisa o compilador, não era apenas o primeiro de toda a Companhia, mas «o que ela tinha de mais copioso e grandioso» na coroa de Portugal¹⁷. Instituíra-o D. João 3.^º e noutro monarca do mesmo nome pensa ver «ressuscitada sua antiga felicidade»¹⁷. Eis por que, ao tributar-lhe estas demonstrações, está consciente que, se elas não igualaram a alegria e satisfação que teve de se ver restituído e entregue a novo Rei em tudo a par e semelhante na vida e no nome a seu primeiro Pai e fundador, foi porque fez o que pôde e não o que desejava¹⁸. Como se vê, a retórica prefacial, na estrutura e estilo, é de nítido e prosaico recorte barroco.

O conteúdo do manuscrito abre, a seguir, com uma *Breve Relação* — memória descritiva de quanto digno de realce acontecera no propósito de realçar os feitos gratulatórios, em que o excesso, o empolado e o grandiloquo são a nota desequilibradora e, por conseguinte, barroquista presente nas peças reunidas¹⁹. O exagero, porém, é circunstancial e psicologicamente compreensível pela importância do sucesso comemorado; pela excitante ansiedade em que se vivia, dado ainda se estar apreensivo

¹³ *Ibidem.*

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ Sobre a luta contra os turcos muçulmanos e a actividade missionária, sob o impulso da congregação romana «Propaganda Fide» (1622), na primeira metade do século XVII, ver entre outros: TUCHLE, H. — *Renouveau de l'Église, mission universelle et conversions, le monde baroque*, in «Nouvelle Histoire de l'Église», t. III: «Reforme et Contre Reforme», Paris, Éditions du Seuil, 1968, pp. 314-344.

¹⁶ Cf. *Dedicatória*, in *loc. cit.*, p. 533.

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ A transcrição integral desta «Breve Relação» encontra-se in MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II, pp. 534-536.

pelo futuro êxito da revolta iniciada em Lisboa; pelo ar festivo que envolvia a urbe, receptiva, *et pour cause*, ao transbordante contentamento juvenil dos moços escolares que, nesse dia 6 de Dezembro, homenageavam S. Nicolau, seu patrono, com um préstito que recrutara todos os estudantes²⁰. A torrente da euforia académica — sensível, na altura, por sua mentalidade religiosa à exploração culpabilizadora que atribuía aos pecados colectivos o alheamento, a que durante sessenta anos fora sujeita a Casa de Bragança, esbulhada do direito que sobre o reino tinha — principiara a manifestar-se com vivas entusiásticos «no pátio das escolas maiores e menores» e se esparramara contagiante pelas ruas e praças da cidade, «alegando e alvoroçando a gente com eles»²¹. Desencadeara-a a deliberação do provincial, P.^e Simão Álvares, de passagem na altura por Coimbra, e o reitor do colégio, P.^e António de Sousa, em virtude da mercê que Deus fazia a este Reino e em especial à Companhia²².

²⁰ Ver ALMEIDA, Gregório de — *op. cit.*, III, pp. 119-121.

²¹ Ver «Breve Relação» — *in loc. cit.*, p. 534.

²² Na altura, é provável que estivesse eleito já o sucessor do P.^e Simão Álvares, que foi o P.^e António de Sousa, pois encontrámo-lo a exercer o cargo de 1641 a 1643. Este religioso, de estirpe fidalga e natural de Cadafais, desempenhou as funções de reitor do Colégio e Universidade de Évora, entre 1629 e 1632, sendo durante o seu mandato que se realizaram as obras de arquitectura da capela daquele Colégio. Em 1642, urgiu o cumprimento da ordem do Geral Múcio Vitelleschi onde, em 1630, se extranhava ao Provincial português da altura, Diogo Monteiro, que os mestres do Colégio das Artes tivessem composto poesias em língua vernácula para um concurso na Universidade de Coimbra. Com efeito, ao falar em Évora, no ano de 1642, o P.^e António de Sousa chamava a atenção para se obedecer a essa decisão hierárquica, que proibia «poesias vulgares», acentuando que ela «se devia cumprir e entender de modo que ninguém fizesse poesias em português, «nem ao profano nem ao divino», nem lesse poesias amatórias ou pouco honestas. Por poesias vulgares se entendiam todas as que não fossem latinas, gregas ou hebraicas. Nessa altura, também tomou posição no diferendo, com o Arcebispo de Évora, D. José de Melo, protestando energicamente por este querer limitar os jesuítas no desempenho dos seus ministérios sagrados. Enquanto superior do Colégio das Artes viu-se envolvido, em 1639, num litígio jurisdicional com o reitor da Universidade, Manuel Saldanha, que nomeava, em edital seu sobre vestidos e moderação de gastos dos estudantes, aquele estabelecimento por *Escolas Menores*, quando eram *Maiores*, mandando-o afixar nas portas do Colégio de que se arrogava reitor. Ao ver afectada assim a sua autoridade, o P.^e Sousa mandou retirar o edital, substituindo por outro seu que intimava as mesmas proibições do reitor da Universidade com a declaração de que só desta forma a determinação reitoral tinha carácter obrigatório. Sabe-se ainda que, em 1641, na vigência do seu provincialato, recebeu do Geral, pressionado por Castela, ordem para averiguar diligentemente quais os membros da Companhia de Jesus que tivessem apoiado o movimento restauracionista e os castigos aplicados por

Quiseram, porém, os padres, em seu avisado entender, que logo se começasse «a negociar com o Céu donde depende a promoção e conservação dos Impérios»²³. Para isso mandaram engalanar vistosamente a capela interior de maiores dimensões e «mais capaz de todas as do collegio», a fim de que nela estivesse exposto para adoração contínua, durante os três primeiros dias, o Santíssimo Sacramento, permitindo assim a todos os professos «corresponder, muito em particular, naquilo que era mais próprio de sua profissão que são os exercícios de religiosos»²⁴. Contudo, recebidas cartas de Lisboa, a relatar o que lá sucedera, de imediato «se mandaram repicar os sinos e se puseram por algumas noites luminárias que como ficavam em lugar tão sobranceiro qual é este colégio alegravam e alvoroçavam muito a cidade e os seus moradores»²⁵.

No sábado, 8 de Dezembro, dia da Virgem da Conceição subiu ao púlpito da igreja o Dr. Lucas Veloso, que fora, durante vários anos, lente de Escritura na casa e acomodara de tal forma «o sermão aos sucessos presentes que todo o auditório rompeu no fim em altas vozes dando vivas ao Rei»²⁶. E, sendo o dia seguinte o segundo domingo do Advento, em

se haverem intrometido em actividades relativas a assuntos políticos infringindo assim o que a 5ª. Congregação Geral determinara. Cf. RODRIGUES, Francisco — *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, t. III, vol. 1, pp. 84-98-99, 223-224, 265, 356-357.

²³ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 534.

²⁴ *Ibidem*. O edifício definitivo do Colégio das Artes, com a forma de um rectângulo e mais de dez mil metros quadrados, era, ao tempo, o maior erguido em Coimbra. Integrava-o um vasto templo, hoje a Sé Nova, que principiou a construir-se em 1598, segundo um plano inspirado na igreja romana de Jesus, da autoria de Vignola, mas cujo projecto, adaptado, foi executado sob a direcção de Baltasar Álvares, na altura arquitecto oficial dos jesuítas portugueses. A fachada, até dois terços, é maneirista, sendo o terço superior, mais tardio, de gosto barroco. A propósito da sua edificação, escreveu António de Vasconcelos: «Decorreram quarenta e um anos enquanto se foi construindo a grande nave com as suas capelas; logo este corpo da igreja se isolou, por um taipal, do espaço vazio onde mais tarde devia erguer-se o transepto, com o magestoso zimbório e a capela-mor. Em frente desse taipal levantou-se um altar provisório, que ficaria servindo de altar-mór. Assim disposto o corpo da nova igreja, foi benzido na tarde de 31 de dezembro de 1639, e solenemente inaugurado com um pontifical na festa do titular, o Santíssimo Nome de Jesus, a 1 de janeiro de 1640». Cf. VASCONCELOS, António de — *loc. cit.*, p. 193. No interior, aliás concebido com grande unidade, os retábulos de talha dourada, de grande beleza decorativa, como o da capela-mor, foram levantados posteriormente nos séculos XVII e XVIII.

²⁵ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 534.

²⁶ *Ibidem*. Lucas Veloso (1585-1653) nasceu em Lisboa, onde foi mestre de Retorica que continuou a ensinar no Colégio das Artes, em Coimbra, leccionando também Escritura Sagrada. Colaborou com um poema latino na colectânea de homenagem póstuma ao P^c. Francisco de Mendoça, conhecida por *Vidiarium Sacrae et Profanis Eruditionis*. Pronun-

que naquele ano se celebrava a festa transferida de S. Francisco Xavier, o apóstolo da Índia Oriental, o P.^e Bento de Sequeira, no momento mestre de Sagrada Escritura, atribuiu, no sermão da festa, à intercessão do santo missionário o que Deus fizera ao Reino luso, dando-lhe rei natural. Com efeito, na véspera da sua festividade litúrgica, rezavam as vozes que chegara a Vila Viçosa a notícia da Aclamação, o que era interpretado como prenúncio do Céu de que a graça obtida o fora também por intermédio daquele que sempre zelara as suas conquistas²⁷. E a forma como acomodará o tema da pregação à efeméride política foi tão convincente que o auditório, como sucedera, no dia precedente irrompera em calorosos vivas²⁸.

A torrente festiva continuou depois pela cidade. Assim, a 14 de Dezembro, o Bispo Conde organizou uma procissão solene ao convento da igreja de Santa Cruz, acompanhada de uma lustrosa representação de dignatários da urbe e universidade, tendo pregado, com o mesmo sucesso e entusiásticos aplausos, o P.^e Gaspar Correia que tão corajosamente provara o seu indefectível patriotismo durante o domínio filipino²⁹. Pros-

ciou, em 1629, o discurso latino nas festas que a Universidade organizou para celebrar o nascimento do filho de Filipe IV, intitulado: *Senethliacum Philippo IV in ortu Principis Baltharis Caroli Dominici dictum ad Academiam Conimbricensem*, publicado em 1630. Deixou incompleto, mas repleto de largas explanações parenéticas dentro de um sentido interpretativo literal, o comentário ao livro de Judite, de que saiu, em 1649, um volume designado: *Juditha Commentariis Paraeneticis adornata*. Cf. MACHADO, Barbosa — *Biblioteca Lusitana*, reedição dirigida por Lopes de Almeida, Coimbra, Livraria Atlântica, 1956, t. III, p. 44; RODRIGUES, Francisco — *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, t. III, vol. I, pp. 83, 182 e 241.

²⁷ «Breve Relação», in *loc. cit.*, pp. 534-535. Bento de Sequeira ou Siqueira, natural de Arronches, ingressou no colégio dos jesuítas de Évora, em 1602, e aqui morreu, a 20 de Junho de 1664, tendo sido professor de humanidades e exercido cargos hierárquicos nos colégios do Porto, Funchal, Lisboa e Coimbra. Afecto à Casa de Bragança, gozou da estima de D. João IV e de seu filho, o malgrado D. Teodósio. Foi orador de fama, embora utilizando um estilo soporativamente rimado. Deixou publicados vários sermões avulsos. Cf. MACHADO, Barbosa — *op. cit.*, I, p. 511; RODRIGUES, Francisco — *op. cit.*, t. III, vol. I, pp. 143, 242, 271 e III, vol. 2, p. 50 e passim; MARQUES, João F. — *op. cit.*, II, pp. 391-392. Sobre a chegada da notícia a Évora, na noite de domingo, 2 de Dezembro, ver: ALMEIDA, Gregório de — *op. cit.*, III, pp. 115-116.

²⁸ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 535.

²⁹ *Ibidem*. Ver sobre a data desta procissão, aqui indicada, *supra*, nota 8. Este sermão encontra-se transcrito no citado ms. 2147, «Demôstraçoens», sendo o 1.^o dos três aí trasladados. Cf. MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II, p. 350.

Gaspar Correia (1583-1654) nasceu em Olivença e faleceu em Évora. De ascendência fidalga, foi suspeito de haver entrado nos motins de Évora, em 1637, e chamado por

seguiram as demonstrações gratulatórias a 18 de Dezembro, em que se aprestou e ornou a igreja do Colégio das Artes com rica armação na capela-mor, havendo-se exposto o Santíssimo com grande profusão de lumes e com assistência de muitos religiosos jesuítas que, em bom número repartido por horas se prostravam, ali, em adoração³⁰. Não faltou também no coro «a melhor música que se pôde achar com muitas cançonetas e versos ao som de vários instrumentos»³¹. De manhã e à tarde, houve de novo sermões, respectivamente dos P.^{es} Francisco Gomes e Bartolomeu Pereira que recolheriam os mesmos vivos de «visível gosto e satisfação», se não fora o respeito pela presença eucarística, em público descerrada, de tal modo os ouvintes se sentiam alegres, agradados e consolados, como no semblante de todos se espalhava³². Terminou o dia, em pleno, com uma procissão que saiu do templo, levando adiante a irmandade de Nossa Senhora das Neves, bem provida de irmãos, de opas brancas e murças azuis, que, postos de joelhos em meia lua, adoravam o Senhor, enquanto os colegiais davam volta ao tabuleiro com outra gente de respeito que os acompanhava³³.

Integrado na Universidade, e gozando do estatuto jurídico de estudo régio colocado sob a protecção do monarca, o Colégio das Artes associou-se também, como lhe competia, às festas por aquela promovidas e pelo mesmo motivo celebradas. Foi assim que, no dia 29 de Dezembro, decorada com a «mais rica armação que nela já se viu o salão de estudos, aí teve lugar uma academia literária preenchida com uma oração latina

Filipe IV a Madrid, havendo recebido ameaças de morte. Conseguiu, no entanto, regressar à pátria, vindo a ser um paladino da Restauração. Ver MACHADO, Barbosa — *op. cit.*, II, pp. 346 e RODRIGUES, Francisco — *op. cit.*, t. III, vol. I, pp. 335, 338-340.

³⁰ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 535.

³¹ *Ibidem*.

³² *Ibid.* Os sermões de Francisco Gomes e Bartolomeu Pereira encontram-se também na íntegra, in *Demónstraçoens*. Cf. MARQUES, J.F. — *op. cit.*, II, pp. 361 e 379. O P.^e Francisco Gomes, que teria nascido cerca de 1590, foi professor no Colégio das Artes. Bartolomeu Pereira (1590-1650), natural de Monção e falecido em Coimbra, era sobrinho do mártir do Japão, Francisco Pacheco, e do secretário de estado, Filipe de Mesquita Soares. Pregador de nomeada e poeta neo-latino, apaixonado cultor da épica virgiliana, recitou, em 1626, na Sala de Actos da Universidade de Coimbra, uma oração em latim no certame promovido por ocasião das festas na canonização da Rainha Santa Isabel. Ver: MACHADO, Barbosa — *op. cit.*, I, pp. 472-473; RODRIGUES, Francisco — *op. cit.*, t. III, vol. I, p. 467 e GOMES, João Pereira — *Os Professores de Filosofia na Universidade de Évora (1559-1759)*, Évora, Câmara Municipal, 1960, p. 254.

³³ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 535.

pelo lente de teologia P.^o Francisco Soares, ouvida com grande atenção por uma assistência que mal cabia no recinto e a sublinhou, dando largas à sua alegria, com vivas ao rei aclamado»³⁴. E tantas poesias da autoria dos religiosos da Companhia de Jesus foram na altura recitadas que a sua transladação integral excederia, se fosse tentada, as dimensões da relação organizada, correndo-se o risco de enfasiar os leitores³⁵. Aplauso ao evento constituiu ainda a intervenção do reitor do colégio, o P.^o João de Sousa, com a oração que pronunciou no préstito que a instituição universitária realizou à Rainha Santa³⁶. E, no que disse, foi tão ao encontro do sentimento geral, pois era «tanto o gosto que a gente tinha deste argumento», que, sublinha o autor do relato, donde ele não entra em nada se lhe acha graça e todos os que nele tocam têm certo o bom sucesso³⁷. Inteira justiça assistiria, pois, ao Colégio das Artes considerar-se «o primeiro e último em sinais e mostras de devoção e alegria», pelo sucesso presente, e participante activo nos que, ao tempo, na urbe se efectuaram, porque nos do Bispo Conde, como nos que grandiosamente a cidade fez, mandou repicar os sinos e pôs grande número de luminárias

³⁴ *Ibid.*, p. 536. Francisco Soares (1606-1659) era natural de Torres Vedras e de ascendência nobre. Estudou no Colégio das Artes, em Coimbra, onde veio a ensinar Filosofia, de 1636 a 1640, e Teologia, exercendo a docência de humanidades anteriormente em Lisboa, no Colégio de Santo Antão, da Companhia de Jesus, em que, no ano de 1619, ingressara. Foi lente de Prima de Teologia na Univesidade de Évora, onde se doutorou em 1655, vindo a ser reitor e qualificador do Santo Ofício. Como seu irmão e dois primos desertassem do reino com outros fidalgos, no tempo da aclamação, acabou por ser preso por duas vezes (1642 e 1649) sob suspeita de traição, aliás sem fundamento. Para sua defesa e prova de lealdade a D. João IV, escreveu um *Memorial*. Morreu a 19 de Janeiro de 1659, numa explosão de pólvora, na praça de Juromenha onde tinha ido com outros padres jesuítas e estudantes universitários de Évora socorrer aquele presidio militar, ameaçado pelo exército castelhano. Conhecido por Francisco Soares Lusitano, era grande autoridade em questões de jurisprudência e moral. Publicou em Coimbra, a 1651, um *Cursus Philosophicus*, em 4 tomos e, já postumamente, a cuidado do seu confrade Manuel Pereira, saiu, em 1678, o *Tractatus de Poenitentia*, obras consideradas magistrais. Cultivou a poesia latina, como bom humanista, tendo colaborado na colectânea de homenagem na morte do notável pregador e comentarista bíblico, o jesuíta Francisco de Mendoça (1573-1626). A oração latina pronunciada no Colégio das Artes encontra-se na íntegra no citado ms. *Demôstraçoens*. Ver MACHADO, Barbosa — *Biblioteca Lusitana*, ed. cit., 1955, t. II, pp. 261-262; RODRIGUES, Francisco — *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, t. II, vol. I, pp. 78, 83, 366, 407 e 422-424.

³⁵ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 356.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ *Ibid.*

ajudando a todos a festejá-lo; e, lamentando ver que não era possível acompanhar o desejo de fazer tudo, quiseram ao menos os seus escolares que nada houvesse onde não tivessem parte³⁸.

Esta adesão entusiástica não se ficou, contudo, em festas e parabéns». Impossibilitados os religiosos de pegarem em armas, como soldados seculares, determinaram os superiores da Companhia que se entregassem às exercitações espirituais da regra, celebrassem grande número de missas, jejuassem de contínuo para que «Deus fosse» servido de conservar a vida e saúde de Sua Majestade com mui prósperos sucessos por largos anos logrados para glória de Deus³⁹.

Eis por que a narrativa, acabada de resumir, nos permitem apreciar os ingredientes de uma festa pautada pelo espírito do barroco sob a inspiração jesuítica — um poder religioso e cultural ao serviço do poder político, empenhados ambos, no crucial momento, em defender a liberdade da monarquia portuguesa restaurada⁴⁰.

Atente-se em que pelo esforço feito, sobretudo nos últimos anos da dominação filipina, em decisivo apoio aos naturais anseios da recuperação da independência experimentados pela nação, os jesuítas encontravam-se sumamente sensíveis ao golpe restaurador vibrado em Lisboa, e logo se

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ Ver, entre outros, sobre a dimensão e espetulosidade da festa religiosa no barroco e sua relação com o poder, os seguintes: José María Díez Borgue, *Relaciones de Teatro y Fiesta en el Barroco Español*; Antonio Bonet Correa, *Arquitecturas Efémeras, Ornatos y Mascaras: El lugar y la teatralidad de la fiesta barroca*; José Antonio Maravall, *Teatro, Fiesta e Ideología en el Barroco*; Honorio M. Velasco, *Las Fiestas, Drama y tensión*; Isidoro Moreno Navarro, *Fiesta y Teatralidad: De la escenificación de lo simbólico a la simbolización de lo escénico*, in BORGUE, José María Díez (comp.) — «Teatro y Fiesta en el Barroco: España e Iberoamérica», Barcelona, Ediciones del Serbal, 1986, pp. 11-40, 41-70, 71-96, 171-185; CORREA, Antonio Bonet — *La Fiesta Barroca como Practica do Poder*, in «Diwan», n.ºs. 516, 1979, pp. 53-85. Verifica-se com surpresa que, em embora trate das relações entre a festa e o poder, não dá importância à dimensão religiosa da festa barroca, na «entrada» que lhe consagra, BEBIANO, Rui — *Festa Barroca*, in «Dicionário da Arte Barroca em Portugal», dir. por José Fernando Pereira e Paulo Pereira, Lisboa, Editorial Presença, 1989, pp. 189-190. Ver a pormenorizada descrição de uma festa religiosa barroca no início do século XVII, a propósito da transladação dos restos mortais do arcebispo D. Fr. Bartolameu dos Mártires, a 24 de Maio de 1609, para o túmulo construído na nova igreja do convento de S. Domingos de Viana do Castelo, in SOUSA, Frei Luís de — *A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 726-796.

empenharam na sua solidificação⁴¹. A adesão à alegria geral e a iniciativa e colaboração nos festejos, com que se celebrou o sucesso patriótico, foram, portanto, naturais. Daí terem feito vibrar o quotidiano coimbrão através do que, de imediato, era fácil lançar mão: as *troupes* académicas álares, a inundar de entusiasmo as ruas do burgo; a iluminação das fachadas do colégio a incitar, pela situação privilegiada onde se encontrava implantado, a propagação feérica de luzes; os actos de piedade, à volta da devoção eucarística.

Não fala a relação de encenações teatrais ou jogos de canas — outras tantas manifestações lúdicas habituais, ao tempo, em similares circunstâncias⁴². Mas a presença de cortejos cívicos, com o tradicional desfile de figurantes e dísticos, pelos percursos profusamente engalanados, dá azo a que não seja forçado imaginar terem acontecido.

No ambiente barroco, já suficientemente trabalhado pela reforma tridentina e espiritualidade jesuítica, o destaque, contudo, foi para o espanto nas decorações dos templos, convergindo para realçar a espectacularidade da luzida exposição da eucaristia. Na tribuna imponente da igreja do colégio, em seu ostensório de ouro, entre flores e círios, a hóstia consagrada refulgia, recebendo contínuas adorações abrilhantadas por corais polifónicos com proficiente acompanhamento instrumental⁴³. Note-se que não é sem razão que o período áureo da música sacra portuguesa do barroco é o de D. João IV — aliás, ele próprio, notável compositor — alongado pela segunda metade da era seiscentista⁴⁴. E o sermão, imprescin-

⁴¹ Sobre os jesuítas e a Restauração, ver: RODRIGUES, Francisco — *A Companhia de Jesus e a Restauração de Portugal*, in «Academia Portuguesa de História. Anais. Ciclo da Restauração de Portugal (1640)», Lisboa, 1942, vol. VI, pp. 323-405; *Na Restauração de Portugal e Na Consolidação da Independência*, in «História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal», t. III, vol. 1, pp. 349-395 e 397-424.

⁴² Sobre representações teatrais em Coimbra na altura da Aclamação de 1640, ver, *supra*, nota 8. Que houvesse então alguma improvisada comédia, encenada pelos colegiais, não custa a aceitar. Existia, de facto, o costume de se homenagear algum ilustre visitante ou celebrar acontecimentos relevantes com um espectáculo cénico. Assim acontecera, precisamente no Colégio das Artes, na altura em que o bispo de Coimbra e benemérito da Companhia de Jesus, D. Joane Mendes de Távora, ali se deslocara. Em sua honra, houve na Sala dos Actos a declamação de um panegírico, nas escolas recitação de poesias por professores e alunos, no refeitório discursos em vários idiomas e, de tarde, a representação de um drama, certamente em latim. Cf. RODRIGUES, Francisco — *op. cit.*, t. III, vol. 1, p. 71.

⁴³ Cf. «Breve Relação», in *loc. cit.*, pp. 534-536. Ver também, *supra*, notas 10 e 31.

⁴⁴ Sobre D. João IV, como compositor e teórico musical, ver: ÁVILA, Humberto d' — *João IV, D.*, in «Dicionário Biográfico Universal de Autores», Lisboa, Editora Artis-Bompiani,

dível nas solenes celebrações, marcou naturalmente presença. O seu teor, adequado ao tom exaltante e encomiástico do feito, vivia, há que sublinhá-lo, da acomodação dos textos bíblicos e litúrgicos, ora interpretando e exprimindo o sentir colectivo no tom gratulatório, ora encorajando os ânimos no reforço da confiança, apesar das incertezas futuras, ora impetrando a misericórdia divina e o auxílio dos santos patronos. Foi este, de resto, o escopo daqueles que foram pronunciados nas circunstâncias e locais atrás descritos, a que não faltaram os aplausos vibrantes de agrado e concordância dos ouvintes, a estilhaçar em explosões de calor humano uma postura de atento silêncio exigida pela gravidade dos templos⁴⁵.

A juntar ainda a este *décor* religioso, encontramos as procissões *ad hoc*, com a participação do clero secular e regular, desfilando no colorido dos seus paramentos recamados de ouro e dos seus hábitos talarés; de intermináveis filas de religiosos e laicos pertencentes a instituições académicas; de irmandades e confrarias a ostentarem variegadas opas e murças. E os cortejos sagrados calcorreavam as praças e ruas engalanadas, seguidos pelas autoridades, exibindo as suas insígnias e por uma multidão de nobres e burgueses e devota plebe em trajés de cerimónia⁴⁶.

Luz e adorno, palavra e música, encenação e espectáculo ganham, pois, o merecido recorte nesta atmosfera barroca, ponteando a ordem estética de excessos e desequilíbrios — revérberos de claridade e sombra, espelhados, nas igrejas, já pelos doirados da talha modelada em recortes caprichosos, já projectados na brancura dos muros recortados pelas ilhargas graníticas que enquadravam os revestimentos decorativos.

Mas o que importará por fim destacar, nestes festejos barrocos do Colégio das Artes de Coimbra, será o elemento literário — elemento, como se sabe, acarinhado pela pedagogia jesuítica, e aqui patente na retórica da oração académica, pronunciada num latim de recorte humanista, e na declamação de uma infinda cadeia de poesias de pendor epigramático e tributária dos jogos emblemáticos, em consonância com o gosto literário da época. O empolado da adjectivação e as desmesuras metafóricas, povoadas de alusões bíblicas e mitológicas e de heróis grego-latinos e pátrios de régia estirpe, se traem tendências cultistas e conceitistas, são

1970, vol. II, cols. 2603-1605; BRANCO, Luís de Freitas — *D. João IV, Músico*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956.

⁴⁵ «Breve Relação», in *loc. cit.*, p. 535. Ver também, *supra*, nota 28 e SA, Fr. Luís de — *Sermam Encomeastico, E Demonstrativo* [...], Coimbra, 1641, p. 19.

⁴⁶ Ver, *supra*, nota 33.

pelo predominante emprego do latim, como idioma ao tempo privilegiado para a expressão, um índice inequívoco de uma consciente opção cultural⁴⁷. Além de que o seu domínio, conseguido nas composições aturadas e nas sabatinas públicas, era um objectivo da formação didáctica ministrada nas escolas da Companhia de Jesus⁴⁸.

Em suma: sagrado e profano, político e religioso, espiritualidade e sensorialismo — tudo isso, nesta festa barroca, se congrega e funde num imbricamento que crenças e mentalidades epocais aceitavam e estimulavam como natural realidade.

⁴⁷ Ver, *supra*, notas 1 e 22.

⁴⁸ Acerca das disputas e sabatinas no método pedagógico dos jesuítas, ver: RODRIGUES, Francisco — *A Formação Intelectual do Jesuíta*, p. 71 e GOMES, João Pereira — *op. cit.*, pp. 29-31.